

## Da arte-luta da capoeira angola ao anarquismo somático

João da Mata\*

### **mandinga de escravo em ânsia de liberdade<sup>1</sup>**

Fruto da luta dos cativos diante da escravidão no Brasil, a capoeira emergiu como uma resposta encontrada pelo africano contra o colonizador europeu. Utilizando seus corpos como instrumento de luta, a capoeira traz o registro de uma história forjada ao longo de séculos por indivíduos que reagiram às práticas intoleráveis da escravidão e da repressão policial. Os capoeiras também faziam emergir, em disputas de territórios nas comunidades negras do século XIX, a busca por laços de companheirismos, diversão e lazer.

A trajetória da capoeira está repleta de personagens que se rebelaram diante da violência que lhes roubavam o sentido da existência, sempre pela covardia e pelo autoritarismo. Propomos aqui, valorizar estes instantes insurgentes da capoeira, para lidar com as práticas de poder no presente, caracterizadas por mecanismos menos explícitos que o escravismo, mas por eficientes formas de controle e domínio.

Os “escravos” da atualidade não se apresentam como no passado. Eles já não são caçados, transportados e negociados em redes de negócios que envolvem corpos humanos, como ocorreu por quase quatro séculos no Brasil. Hoje, existem aos montes formando filas ou implorando por alguma forma de oportunidade em empregos que exploram sua força e conhecimento. São capturados pela lógica do capital, negociando ou competindo para ocupar o lugar daqueles que encontraram “alguma oportunidade”. Enfraquecidos em sua potência de vida e luta, acabam sendo, desgraçadamente, a maioria.

Optamos por eleger a capoeira angola neste estudo, também conhecida como “capoeira-mãe”, por representar uma modalidade da capoeira mais ligada ao seu passado. Concebida como um jogo, no qual a luta, a dança, a mímica e outros elementos se conjugam, a capoeira angola privilegia a “mandinga” como estratégia de luta e enfrentamento. Outra particularidade de seu estilo, comumente chamada de “jogo baixo”, faz dela algo facilmente reconhecida. A capoeira angola é prioritariamente jogada no chão, ou seja, seus movimentos utilizam simultaneamente diferentes partes do corpo. Muitos dos golpes de ataque e defesa são realizados com o apoio das pernas e

das mãos em contato direto e permanente com o chão, favorecendo com isso, uma eficiente mobilização corporal.

Na relação direta com o outro durante o jogo, os movimentos corporais dos capoeiristas buscam criar uma espécie de manto de ilusão para poder realizar o ataque. No entanto, isto não é feito de modo óbvio. Ao contrário, a brincadeira e a teatralidade dão espaço à criação de uma relação de comunicação entre os corpos, a partir da qual o aspecto da luta está mesclado com a ginga e a malandragem. A capoeira angola é uma luta dançada, que se estabelece como relação agonística entre os jogadores. Não há vencidos nem vencedores, mas um encontro capaz de promover um diálogo entre corpos.

Na capoeira angola, este jogo mandingado representa a capacidade do capoeirista em apanhar de improviso o outro, tornando-se uma importante estratégia ligada à noção de criação, espontaneidade e astúcia no jogo e não o resultado de uma crença religiosa. Está atrelada ao ato de *como* fazer determinados procedimentos durante o jogo, não de um feitiço. Ao angoleiro, a mandinga é a própria maneira de jogar a capoeira, sempre atento, mas podendo aparentar distração.

A virtude do corpo no jogo da capoeira angola vem dessa peculiar performatividade: sua capacidade de mover-se de maneira inusitada e surpreendente. Este jeito do corpo em instaurar-se no mundo de modo inteligente – na elegância do gesto ou na tensão do golpe – baliza sua existência na interface entre a arte e a luta.

Diferentemente da capoeira regional ou da capoeira contemporânea – nomenclaturas que designam modalidades mais recentes e mescladas com outras lutas –, a capoeira angola está mais próxima aos princípios ritualísticos do passado, marcada por um jogo menos competitivo, com movimentos mais rasteiros e lentos. Ao privilegiar o “diálogo corporal” entre os jogadores em detrimento da competição, a capoeira angola distingue-se por uma permanente conversação de perguntas-respostas corporais. Bem menos conhecida hoje em dia, a capoeira angola é uma prática de resistência dentro do próprio universo da capoeira.

## **revolta**

A história da capoeira é eminentemente descontínua e carente de registros. Os apontamentos sobre os negros escravos e a capoeira ganham destaque especialmente

com a chegada da Família Real ao Brasil. O “período joanino” foi marcado pela intensa vinda de negros ao Rio de Janeiro, numa proporção nunca vista antes. Este fato fez aumentar muito os níveis de criminalidade e a prisão de muitos capoeiristas, o que por sua vez, fez aumentar o número de registros de uma polícia recém-criada com principal objetivo de perseguir e controlar a população negra.

Outra parte significativa do que conhecemos sobre a história da capoeira é trazida até nossos dias através da memória oral, seja nas músicas ou nos “causos” contados entre capoeiristas. Sua trajetória, suas práticas e seus rituais são transmitidos de geração a geração, incorporando e abandonando elementos ao longo do tempo, mas conservando boa parte das memórias africanas e do registro escravocrata.

Diante de uma genealogia possível de sua história, podemos afirmar que a capoeira angola emerge como uma das formas de resistência ao regime escravista, seja como diversão e luta, seja como atitude rebelde nos centros urbanos, especialmente no século XIX. Para lidar com a violência de um regime de segregação e domínio, o africano tornado escravo resgatou os rituais de sua cultura, que aqui foram miscigenados com costumes locais, e valeu-se de uma realidade sociopolítica intolerável, para criar uma luta que foi fermento de liberdade.

Nas diversas formas de resistência no contexto da escravidão, as fugas dos cativos, a lutas dos quilombos e a própria capoeira, representam para nós possibilidades encontradas pelos negros para forjar uma certa liberdade, conquistada no enfrentamento ao autoritarismo, como resultado de combates mais ou menos calculados e, em certa medida, bem-sucedidos.

Composto sob um rico e complexo conjunto de elementos ritualísticos, brincadeiras, picardias e movimentos variados, a capoeira angola constitui-se como um jogo no qual seu potencial de luta está diretamente implicado com o lúdico e com a dança. No passado, esta característica conferiu à capoeira uma condição fundamental em seu processo de resistência: a estratégia necessária ao negro escravizado e desarmado para enfrentar o feitor e a polícia.

Todo o movimento de insurgência produzido pela capoeira diante da escravidão e após ela nos mostra a potência libertária que ela representou no passado. Apesar de haver divergências quanto ao seu surgimento, se num contexto urbano ou rural, parece

certo que as condições vividas no Brasil colonial foram decisivas para que esta manifestação negra surgisse. Não há nenhuma prática idêntica à capoeira em qualquer outra parte do mundo, o que nos faz crer que seu aparecimento está intimamente ligado à luta antiescravista.

A escravidão brasileira, considerada a maior entre todas as formas de escravidão na história da humanidade, com a transferência de mais de quatro milhões de pessoas de um continente a outro, foi responsável por muitos aspectos de nossa formação cultural. A capoeira foi um importante legado dessa herança africana em solo brasileiro. Os mais de três séculos em que o africano foi tornado escravo deixam marcas cravadas na sociedade que até hoje não foram solucionadas. Apesar de o Brasil ter a segunda maior população de negros e mestiços do mundo – perdendo somente para a Nigéria –, a condição do negro brasileiro traz os registros no corpo e na vida destes séculos de escravidão. Se a capoeira representou uma das formas de luta no passado, defendemos aqui que ela continua sendo um instrumento de luta no presente.

Durante séculos, a capoeira criou uma cultura própria, fez história e transformou-se em um dos principais representantes do imaginário popular brasileiro. Esta mistura de expressão artística, potência de luta e ação política nos faz pensar em sua atualização e sentido no presente, onde não existe mais a cultura escrava como regime de produção, mas mecanismos de disciplina e controle disseminados por diferentes e difusos espaços sociais.

Se a capoeira emergiu como reação diante da escravidão, compreendemo-la como disparadora de enfrentamentos e implicada com processos de libertação. Libertar-se, no contexto que estamos falando, não significa eliminar ou situar-se fora do poder, no caso de sua história, da própria política da escravidão, mas promover resistências contra as práticas de dominação, típicas desta mesma política. Querer destacar este potencial libertário da capoeira não significa ignorar as contradições de sua trajetória, menos ainda de seus praticantes.

Mesmo com todas as contradições que a história da capoeira nos mostra, quando ela esteve ao lado das forças repressoras, por exemplo, seus atores quase sempre estiveram empenhados em atitudes insurgentes em presença dos mandos e desmandos.

Muitas vezes associado à imagem do marginal, vagabundo e desordeiro, o capoeira tornava-se alvo privilegiado da perseguição policial nos incipientes centros urbanos. Neste período de fortalecimento do Estado brasileiro, as técnicas de gestão da vida começam a ganhar força e têm na figura do capoeirista o “mal” a ser perseguido para limpar as ruas. Devemos lembrar que a polícia e os tribunais sempre estiveram presentes para combater o considerado ilegal, para fazer a gestão dos ilegalismos, e muitas vezes o faz de modo ilegal, como na perseguição e caça aos “marginais” da época.

Hoje, dezenas de academias se espalham por diversas cidades do Brasil e do mundo, difundindo sua prática. Nas escolas, nas universidades e diferentes espaços de ensino, a capoeira tem sido utilizada como prática corporal original, auxiliando o processo de aprendizagem, socialização, psicomotricidade, etc. Mas e seu sentido libertário? É possível pensar a capoeira como uma prática que, assim como no passado, está ligada a um processo de libertação e de liberdade? Ou sua prática no presente tornou-se também capturada como atividade recreativa?

Pensar o uso da capoeira no presente é também estarmos atentos a estas possíveis capturas de sua prática, inclusive de sua própria história e tradição. Assim, não buscamos na capoeira uma prática de ocupação e/ou recreação, mas de reconhecimento corporal, instrumento de luta e afirmação de vida no cotidiano. O que destacamos é justamente esta potência cravada em sua história e sua possível atualização. Sem deixar de lado seu valor como cultura popular, nos interessa pensar a capoeira como uma arte de resistir, sob uma perspectiva libertária.

### **corpo e luta**

Parte de nossa investigação se volta ao entendimento da capoeira angola como trabalho corporal eminentemente bioenergético. Os diferentes movimentos presentes em sua prática, tais como a ginga, os golpes de ataque e defesa, o canto e os demais elementos ritualísticos envolvidos são tratados aqui como expedientes capazes de atuar sobre o comportamento, seguindo as indicações do ex-psicanalista Wilhelm Reich<sup>2</sup> sobre a relação entre corpo e emoção.

Reich salientou a importância do trabalho corporal na análise dos conflitos emocionais, do reconhecimento do próprio corpo e da percepção corporal. A ação

motora dos movimentos da capoeira angola age em diferentes músculos, produzindo uma eficiente massagem corporal, que atua simultaneamente em todo o corpo, ativando inclusive vários músculos antes inativos.

Wilhelm Reich foi preciso ao sugerir que a neurose é um fenômeno social, criada por mecanismos e objetivos políticos, frutos da ação disciplinadora e do controle exercidos sobre os indivíduos. A partir desta noção, Reich lança mão de um dos seus principais conceitos: *a couraça neuromuscular do caráter*. Segundo ele, nosso corpo cria posturas, gestos e atitudes que tendem a materializar nossos traços de comportamentos inconscientes. É uma espécie de materialização do inconsciente freudiano, conceito este levado além do que a Psicanálise propõe, pois localiza nos fenômenos sociais e políticos as fontes de seu surgimento da neurose, como também, sua manutenção. Para Reich, o conflito emocional se instala no corpo, materializando um conjunto de atitudes emocionais que correspondem a uma forma padronizada que criamos ao longo de nossa existência.

Sua psicologia somática aponta para sete regiões do corpo onde normalmente se criam tensões musculares, os chamados *anéis* ou *segmentos* de couraça. Segundo Reich, estas regiões espalhadas em diferentes pontos do corpo concentram grande quantidade de energia vital, produzida por uma tensão crônica na musculatura voluntária. Os distintos movimentos da capoeira atuam sobre todas estas regiões simultaneamente. Eles permitem trabalhar sobre a couraça muscular, auxiliando em seu processo de dissolução da tensão crônica, liberando a energia vital antes bloqueada e seu consequente efeito sobre emoções e posturas.

Além de servir como exercício bioenergético na perspectiva reichiana, a capoeira angola também traz uma preparação para a luta, um estado de atenção e alerta. Isso é visto, por exemplo, durante uma roda de capoeira, onde os jogadores estão atentos aos limites físicos da roda, ao som do berimbau, à música que está sendo cantada e, sobretudo, ao outro. De *oitiva*<sup>3</sup>, o angoleiro observa os movimentos e a vadiação do outro capoeira, para então soltar ou se defender dos golpes, navalhadas e mesmo armas de fogo.

Durante o jogo da capoeira angola, diferentes partes do corpo são ativadas causando intensa mobilização nos anéis de couraça. Desde o canto aos movimentos típicos da capoeira angola, tais como ginga, aú, rolê, etc., que mobilizam a “testa

franzida” ou a “cintura presa”, todo corpo recebe uma ação neuromuscular graças aos movimentos da capoeiragem. Ao mesmo tempo em que mobiliza diferentes regiões corporais, os movimentos da capoeira angola são executados exigindo do capoeirista uma permanente atenção.

Para a psicologia somática de Wilhelm Reich, qualquer forma de insurgência passa pelo reconhecimento do corpo. Para ele, a reserva energética resultante do trabalho sobre as couraças é fundamental para o processo de luta e enfrentamento emocional na vida das pessoas. Dessa forma, mais que apenas uma prática corporal, buscamos destacar a capacidade que a capoeira angola traz em estimular a ação diante dos mecanismos de poder na atualidade.

Os movimentos presentes na capoeira angola agem liberando a energia vital cronicamente presa nos músculos, ao mesmo tempo em que nos ajudam a estabelecer conexões que passam pelo corpo e sua inscrição no mundo. A variedade de situações corporais que surgem durante o jogo é tão ampla, que requer um tipo de atenção que não passa apenas pela racionalidade, mas por um amplo conjunto de percepções e sensações diante do momento presente.

A importância em manter-se conectado a si e ao outro durante a roda da capoeira angola – composta pelo instrumental, pelo canto, pelo círculo e, sobretudo na presença do outro jogador – está relacionada este estado de percepção sobre o aqui e o agora. É praticamente impossível jogá-la sem estar o mais envolvido possível naquele instante. A própria possibilidade de se receber um golpe faz com que a atenção esteja totalmente voltada para o momento, criando um encontro único.

Ali, durante o jogo, no equilíbrio, na tensão e na espreita no outro, o corpo vai sendo trabalhado junto com nossa ação e conexão no mundo. Afastado de qualquer transcendência, o capoeira situa-se no terreno da imanência e faz emergir sua ética forjada no encontro a si e ao outro. Rebelde, resistente e libertário, o capoeira vai transformando-se nos golpes de ataque e defesa da angola.

### **anarquismo somático**

Ao defendermos a prática da capoeira angola, buscamos a criação de estratégias que favoreçam nossas práticas libertárias, para incrementar o exercício de vidas livres. Neste sentido, vale nos interrogar sobre qual noção de liberdade que estamos defendendo. Partindo de uma análise presentes nos anarquismos, investigamos na ideia da liberdade como um movimento contínuo, sem um ponto a ser atingindo.

Nesta perspectiva, acreditamos na atualidade do pensamento de Joseph Proudhon (1809-1865), aquele que primeiro passou a autodenominar-se de anarquista. Em sua análise serial, Proudhon defende um método dialético empírico, no qual a liberdade é pensada a partir de uma série em direção a mais liberdade ou em direção a mais autoridade. A partir da análise serial *proudhoniana*, as práticas libertárias são tomadas aqui como acontecimentos que criam possibilidades concretas em promover a série de mais liberdade, em oposição às práticas heterogestoras, que se direcionam à série de mais autoridade. Como a série não tem fim, esta é uma construção que não se esgota. A própria noção de liberdade é vista assim como algo que também jamais se exaure e nunca será alcançada por completo. A liberdade absoluta é uma abstração, como também o fim completo da autoridade.

A construção de vidas livres ocorre em experimentações e encontros entre únicos que buscam interações que combatam as práticas de dominação. Os anarquistas buscam na vida associativa – sem obedecer a manuais ou cartilhas, e sem antagonismos entre coletivo e indivíduo – instantes que fujam da ilusão de um paraíso desprovido de conflitos. As práticas de vidas livres estão assim, implicadas na permanente relação junto ao outro, no incessante combate que faz coexistirem diferenças entre pessoas que exercitam subjetividades libertárias.

Empenhado em tomar o presente como aliado, o exercício da vida livre se afirma, em maior ou menor grau, nas associações pautadas na crítica à autoridade centralizada do poder pastoral ao poder de Estado, e todas as demais redes de poderes, deveres e assujeitamentos típicas das relações de dominação. O jogo de capoeira angola nos parece ser uma boa metáfora da prática libertária: na permanente aposta de conexão junto ao outro e na comunicação entre corpos – que atentos aos limites da roda, à música e ao toque do berimbau – o capoeira cria a afirmação de si.

Propor o capoeira como único<sup>4</sup> é radicalizar sua inscrição no mundo na elaboração de caminhos singulares e rebeldes. Seja nas rotas solitárias, na presença de outros capoeiras ou até na relação como Mestres, mesmo quando estes queiram tomar o lugar do pastor, o capoeira estará atento em inventar suas próprias cartografias. Romper o pacto com as relações de dominação é antes de tudo sair do lugar da servidão e do autoritarismo.

Problema presente nas trajetórias dos anarquismos, a ética como modo de vida sempre foi uma preocupação cotidiana dos libertários. Fazer agora, mudar agora, inventar agora. Não interessa ao anarquista a revolução como caminho de salvação ou construção de uma sociedade pacificada. Não se trata também de aperfeiçoar o Estado, em busca de um melhor Estado. Pelo contrário: a anarquia se constitui como experimentação de vida que vai além da lei e do Estado. Significa ainda conceber a liberdade como elaboração de si, que acontece a todo o momento, em acontecimentos que envolvem sempre um *outro* na relação.

Distante das estratégias corriqueiras realizadas pela política tradicional, a antipolítica libertária não luta pela conquista do poder de Estado. Também não está interessada no sistema representativo com seus partidos e políticos profissionais. Os anarquismos estão voltados em criar práticas que invistam na intensificação da vida cotidiana, através da auto-organização, da valorização radical do singular e nas práticas livres de viver. Todas estas estratégias, que não são atingidas pelas vias parlamentares, ancoram-se nas formulações entre as práticas de poder e as práticas de liberdade, sempre de forma imanente e em fluxo contínuo.

Neste sentido, vale mencionar Michel Foucault (2003) quando afirma que a utopia como algo promissor não mobiliza nossas vidas no presente porque está distante de nós. Qualquer processo de resistência e luta não deve ser deslocado para um futuro esperançoso, um lugar a ser atingido e fora dos espaços reais da sociedade. Ao contrário, Foucault propõe a resistência como um problema cotidiano e constante. Lança mão do conceito de *heterotopia*, como algo que se constrói em distintos espaços e apenas tem sentido no presente, não no amanhã incerto e distante.

Esta heterotopia foucaultiana, dentro da sociedade de controle, é justamente a possibilidade de fugir das capturas das individualidades, criando para isso espaços e arranjos novos de sociabilidades libertárias, sempre de maneira guerreira, em um

permanente embate. Ou seja, ou nós construímos nossos espaços e pactos de liberdade no aqui e agora ou não haverá sentido na questão luta/resistência. Este empreendimento, num primeiro momento pessoal e solitário, articula-se ao outro, para então estabelecer uma espécie de aritmética de liberdades. Assim, pensamos a noção de resistência, a partir da criação e produção de singulares formas de viver. Para além de uma força reativa, a resistência é a afirmação e invenção na construção de sociabilidades livres.

Acreditamos que investir em práticas como a capoeira angola significa criar condições de enfrentamento: momentos de insurgências, de criação e invenção de si. Acontecimentos que inscrevam no corpo a marca de uma vida afirmativa: no gesto e no movimento, assim como na atitude e postura diante das malhas de poder. Investigar a capoeira angola como instrumento libertário é investir nesta construção do devir revolucionário, onde seu praticante descubra no reconhecimento de seu corpo, sua potência e seu enfrentamento na vida cotidiana.

É na afirmação desta postura política libertária que inscrevemos a capoeira angola como campo possível de resistência, para pensar a lógica capitalista no presente, que transforma a existência em capital. A alienação do corpo é também a alienação da vida, vestida como fantoche do capitalismo moderno. As reflexões que apresentamos aqui buscam, portanto, propor a capoeira angola como uma linha de fuga libertária, um movimento de resistência: práticas da liberdade, enfrentamento e luta corporal no cotidiano.

Sua prática tem nos mostrado um espaço de legitimação da singularidade: os movimentos de ataque e defesa, a ginga e o canto são a expressão singular do único. No jogo da capoeira, literalmente “cada um é cada um”. Não se joga igual ao outro, assim como as estratégias de luta, tanto na roda da capoeira como na vida, também são próprias e únicas. O que se passa simbolizado durante o jogo, nos fornece um retrato de nossas existências e, como dizem os velhos mestres: “a roda da capoeira é a roda da vida”.

Problematizar o corpo na psicologia, refletir sobre as práticas de poder e formas de resistência no presente e a experimentação da capoeira angola como instrumento de luta são alguns dos temas presentes no trabalho que desenvolvemos há mais de vinte anos na Somaterapia. A Soma, como também é conhecida, é uma técnica psicológica e pedagógica com um posicionamento político libertário, que utiliza em sua metodologia

os princípios de produção coletiva inspirados na autogestão como ferramenta para desenvolvimento de seu processo.

Criada no Brasil pelo instaurador Roberto Freire, a Soma funciona em grupo, com tempo determinado e realiza-se em sessões compostas por exercícios corporais e dinâmicas de grupo autogestionadas. Neste conjunto metodológico – inclusive com a prática da capoeira – os membros dos grupos de Soma são estimulados a produzir suas próprias práticas de liberdade dentro destes laboratórios sociais, desenvolvendo um olhar e uma compreensão maior a partir do corpo, sobre as atitudes e comportamentos políticos no cotidiano. Os objetivos da Soma estão ligados a questões como se pensar uma subjetividade libertária; que ética é possível para pensar a liberdade; como estabelecer as bases de uma sociabilidade apoiada na defesa das diferenças individuais; e como situar o corpo no centro da intersubjetividade.

Nesta perspectiva, a Somaterapia encontra na prática da capoeira angola um poderoso exercício corporal que amplia o sentido bioenergético e político de seu processo. Para a Soma, a energia vital disponibilizada pela mobilização das couraças musculares através do jogo da capoeira angola será fator imprescindível a elaboração de vidas afirmativas dentro nos coletivos terapêuticos.

Na elaboração de sua terapia anarquista, Roberto Freire vivenciou intenso contato com a juventude brasileira, que se aproximava dos grupos de Soma, cursos e palestras. Toda esta experiência e vivência foram determinantes para a confecção de uma peculiar forma de ação libertária, que recebeu a denominação de *anarquismo somático*, fortemente impregnado da noção do *tesão*<sup>5</sup> como modo libertário de existência.

Este termo ganhou contorno, sobretudo, a partir do encontro entre Roberto Freire e o anarquista Jaime Cubero<sup>6</sup> (1926-1998), ainda na década de 1970. Cubero observara na obra de Freire um jeito diferente de exercer o anarquismo no Brasil, com características marcantes de um ativismo mais despojado, lúdico e prazeroso. Sempre atento às diferentes formas de anarquismos, Cubero percebeu que ali nascia algo novo e singular na ação libertária.

As características deste anarquismo somático estão diretamente relacionadas com o cruzamento da obra de Wilhelm Reich e o pensamento libertário. O corpo enquanto unidade indivisível; o olhar político sobre o cotidiano, no que chamamos de uma política do cotidiano; a afetividade como combustível de sociabilidades libertárias; e a valorização do prazer como ética e indicador de nossa singularidade são algumas das especificidades que encontramos nesta união de elementos que compõem o pensamento de Freire.

Fortemente presente na metodologia da Soma, as peculiaridades do anarquismo somático atuam no sentido de promover novas formulações sociais, menos hierarquizadas e mais livres. Através de uma dinâmica de grupo autogestionária, as reflexões anarquistas incidem diretamente no processo terapêutico, auxiliando cada um a perceber e transformar as práticas autoritárias engendradas no comportamento, que operam no modo de agir em diferentes âmbitos das relações sociais.

Este projeto pedagógico-terapêutico segue próximo ao que Reich defendia como o lugar possível de uma psicologia transformadora, ou seja, na confecção de sociabilidades que estabeleçam um contraponto ao capitalismo como elaboração clínica. Caso contrário, os mecanismos que produzem a neurose seguem seus cursos, e a clínica corre o risco de transformar-se em uma mera mantenedora destes mecanismos. Neste caso, a psicologia atua como paliativa, tornando sua prática com um espaço circular e sobrecodificante.

Ao utilizar a capoeira angola como exercício bioenergético, propomos um investimento na percepção corporal e a utilização de um veículo para o reequilíbrio da energia vital. Buscamos também investir em um corpo uno e material, que nos forneça informações do mundo a partir do contato direto com ele, distante de qualquer verdade que se coloque como ideia em si. Aqui, a experiência e a sensação são tomadas como premissas para o acesso ao acontecimento. Corpo em movimento, carne percorrida por energias agradáveis: a apropriação da corporeidade produz uma sabedoria do organismo. É assim que a capoeira angola tem nos auxiliado a confecção de nosso anarquismo somático.

**\*João da Mata** é Dr. em Psicologia pela UFF e Dr. em Sociologia Econômica e das Organizações pela Universidade de Lisboa – PT. Trabalha com a Soma – uma terapia anarquista há 25 anos.

#### RESUMO:

A arte-luta da capoeira angola é apresentada a partir de uma análise libertária de sua trajetória histórica, seu estilo e sua prática no presente, para ser pensada como elemento indutor de rebeldias diante das relações de dominação na atualidade. Mostramos também como, a partir da obra de Wilhelm Reich e sua relação entre corpo e emoção, a capoeira angola faz parte do processo terapêutico-pedagógico da Somaterapia como exercício bioenergético de original valor. Formada a partir de um vasto mosaico de povos da diáspora africana, a capoeira angola foi utilizada pelo negro escravizado como veículo de resistência diante da escravidão. Agora, junto às análises e às práticas do anarquismo somático, nos interessa pensar seu uso no presente, capaz de auxiliar nos processos de enfrentamento e disposição de luta para a construção de vidas livres.

**Palavras-chave:** capoeira angola, Wilhelm Reich, anarquismo somático.

#### ABSTRACT

The art-fight Capoeira Angola is presented from a libertarian analysis of its historical trajectory, its style and its practice in the present, to be thought as an inductor element of rebellion against the relations of domination of today. We also demonstrate how, through the work of Wilhelm Reich and his relation between body and emotion, Capoeira Angola is part of the therapeutic-pedagogical process of Somaterapia, seen as a bioenergetic exercise of original value. Constructed from a mosaic of tribes from the African Diaspora, the enslaved black-man used the Capoeira Angola as a vehicle of resistance against slavery. Now, together with somatic anarchist practices and analysis, what interests us is to think the use of Capoeira Angola at the present and to be able to organize processes of confrontation and willingness to fight in order to build free ways of living.

**Keywords:** Capoeira Angola, Wilhelm Reich, somatic anarchism.

---

<sup>1</sup> Frase atribuída à Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha.

<sup>2</sup> Wilhelm Reich. *Psicologia de Massa do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>3</sup> Este termo, *de oitiva*, originalmente era o nome popular empregado àqueles que estavam no porto à espera de trabalho. Repentinamente, algum capataz gritava que havia surgido algum trabalho, e os estivadores que estavam na área portuária na escuta, atentos e de oitiva, então se apresentavam. Esta atitude de alerta, lembram os velhos mestres, era a mesma da capoeira. Ali, no cais, eles também praticavam a capoeira e iniciavam os novos praticantes.

<sup>4</sup> A noção aqui utilizada de *Único* nos remete ao conceito desenvolvido por Max Stirner em sua obra *O único e sua propriedade*. STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.

<sup>5</sup> Este conceito, presente em boa parte da obra de Roberto Freire, está melhor bem expresso no *best-seller* “Sem tesão não há solução”, onde o autor defende o fim do bloqueio que a sociedade impõe à satisfação do prazer. O livro reúne três ensaios nos quais Freire traz suas pesquisas e reflexões sobre Psicologia e Política. Segundo ele, o livro influenciou na introdução do uso da palavra *tesão* no vocabulário dos jovens brasileiros, com seu atual significado. Usada apenas para descrever excitação sexual, após o lançamento e as sucessivas edições do livro, a palavra deixou de ser chula e ganhou todas as faixas etárias e camadas sociais. Seu sentido passou a ser outro: *tesão* representa a paixão por algo que desperte prazer, beleza e alegria. FREIRE, Roberto. *Sem Tesão não há Solução*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

<sup>6</sup> Jaime Cubero foi autodidata e um dos principais militantes do anarquismo no Brasil no século XX. Jornalista, pedagogo e libertário ainda na adolescência fundou – com a ajuda de amigos – o Centro Juvenil de Estudos Sociais. Participou de inúmeras atividades (palestras, cursos, debates, peças de teatro) em centros culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Durante vários anos participou ativamente do CCS – Centro de Cultura Social –, em São Paulo, que representou um núcleo de resistência ao regime militar e um dos principais espaços dedicados ao estudo e divulgação do anarquismo brasileiro.